

LETRAMENTO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a experiência da palavra no espaço

Lilane Maria de Moura Chagas¹

Caroline Machado²

Eixo temático 4: Alfabetização e Infância

Resumo: Nesse texto, buscamos reunir e apresentar subsídios no intuito de contribuir para a reflexão sobre o processo de letramento literário na educação infantil, com vistas à apropriação da cultura escrita pela criança na relação com a palavra literária. Apresentamos uma experiência coletiva de prática de leitura literária, desenvolvida no interior de uma instituição federal de educação infantil, que se constitui como ação do projeto de extensão Infância e Literatura: experiência estética e formação de pequenos leitores: o Piquenique Literário *Por um fio*, desenvolvido no ano de 2019. O diálogo com Queirós (2014), Cosson (2014), Britto (2005; 2009), Reyes (2017), Benjamin (1994) e Soares (2020) possibilitou uma compreensão de que são necessárias ações reiteradas e sistematizadas de aproximação à linguagem escrita para efetivar o processo de letramento literário na educação infantil.

Palavras-chaves: Letramento literário; Cultura escrita; Educação infantil.

As folhas de meu primeiro livro foram as paredes da casa de meu avô. Ele lia a cidade, suas ruas e suas conversas, e escrevia nas paredes [...] Hoje todo livro literário me alfabetiza (QUEIRÓS, 2014).

Escolhemos iniciar nossa reflexão com as palavras de Bartolomeu Campos de Queirós, quando retoma suas memórias de menino ao iniciar sua experiência de aprendizado da leitura. O autor aponta que esse processo se amplia pela relação com o outro, com as coisas e com o mundo. E ainda enfatiza o papel da leitura literária na sua vida no sentido de a literatura provocar no humano a compreensão e indagação da vida. As múltiplas narrativas, as memórias registradas no espaço, colocam o menino Bartolomeu, imerso nos vários sentidos e significados da palavra, algo que também encontrará nos livros.

A literatura se coloca, nessa conjuntura, como importante subsídio para apropriação do mundo, se considerarmos as diversas possibilidades de significação da realidade e de

¹ Doutora em Educação (USP). Professora do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (MEN/CED/UFSC). Contato: lilanemoura@gmail.com

² Doutora em Educação (UFSC). Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil do Centro de Ciências em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (NDI/CED/UFSC). Contato: carolmachadom@yahoo.com.br

ampliação da experiência subjetiva no diálogo com a cultura. Por isso, compreendemos ser necessário tornar efetivo o letramento evidenciando a leitura literária para pequena infância, desde a mais tenra idade.

Nessa direção, a criança precisa ser colocada na situação de inserção na cultura escrita de forma sistematizada nos espaços educativos. Desse modo, pretendemos destacar nesse texto uma reflexão sobre o letramento literário na educação infantil, considerando a experiência com a palavra nos diferentes espaços e suportes.

A experiência coletiva de prática de leitura literária, desenvolvida no interior de uma instituição federal de educação infantil, que se constitui como uma das ações do projeto de extensão *Infância e Literatura: experiência estética e formação de pequenos leitores*, o Piquenique Literário *Por um fio*, será aqui apresentada.

A seguir, anunciamos alguns elementos para refletir sobre os processos de letramento literário na educação infantil para, num segundo momento, apontar para as possibilidades de formação dos pequenos leitores a partir da construção de cenários para experiências estéticas literárias, para além das bibliotecas e salas de referência.

Letramento literário na educação infantil

Pensar a formação da criança leitora desde a mais tenra idade significa considerar a criança como sujeito (cria)ativo no seu processo formativo, a infância como processo histórico, as instituições educativas como espaços de atividade de ensino e de aprendizagem e de um tempo de apropriação de experiências pelo acesso aos instrumentos da cultura escrita. Compreendendo que a mediação literária, por meio de um trabalho docente intencional e sistemático, orienta o desenvolvimento das crianças numa relação ativa e crítica de apropriação da cultura.

Nesse sentido, a apropriação da escrita e de suas práticas sociais, que hoje alguns autores denominam de letramento (e, na relação com a literatura, de letramento literário), se encontram evidenciadas nas palavras de Bartolomeu, quando rememora sua experiência infantil. Alfabetizar ganha no seu texto o sentido de ter se apropriado de elementos fundamentais para ler e escrever sobre o mundo, sobre a vida, sobre si. Para o autor,

Alfabetizar não é apenas ensinar ao aluno a juntar e separar letras. Alfabetizar é motivar o sujeito para travar diálogo com as diversas faces do mundo. Acredito que o desejo de ser alfabetizado nasce na medida em que descobrimos que a história do mundo em que vivemos – que existe anterior a nós e permanecerá depois de nós – será em grande parte escrita e por escrever. Toda experiência de nossa memória é construída pela soma do mistério vivido ao mistério sonhado, que tanto o sonhado como o vivido estão escritos em diversas categorias de textos da ciência à arte (Queirós, 2014, p. 67).

Fica evidente, para o autor, que a necessidade da criança de se apropriar da cultura escrita emerge do desejo de escrever também sua própria história, de inserir algo de si na História, de deixar sua marca nela a partir de sua singularidade.

Em direção semelhante, Reyes (2017, p. 47) destaca o potencial humanizador da literatura:

Tudo começa em um quarto iluminado por uma lamparina com alguém que conta uma história. Ou antes, em uma voz que nos embala quando ainda não temos as palavras. Somos marcados com um nome, entre uma infinidade de nomes, ao qual, lentamente, vamos dando rosto. Recebemos sobrenomes que ligam passado e presente e com os quais chegaremos ao futuro. Talvez, por sermos parte de uma saga escrita com palavras, precisamos ser nutridos não só com leite, mas também com estes invólucros de histórias, contos e poemas onde se encontram os que estão chegando agora, os que chegaram há muito tempo e os que já se foram. Ler é, no fundo, estabelecer diálogos entre os que estão aqui e agora com os que moram longe ou morreram e os que estarão vivos quando estivermos mortos. É tornar visível e audível o invisível e o inaudível: por isso, talvez, as crianças peçam, queiram, necessitem que leiamos para elas. Precisam ser envolvidas, decifradas, acompanhadas, consoladas pelas palavras. Precisam também dar nomes a tantas sombras, a tantas coisas indizíveis.

Somos feitos de histórias, do entrecruzamento das memórias individuais com as coletivas. Elas nos conferem humanidade ao nos inserir na cultura produzida e acumulada ao longo dos tempos, criam uma memória, uma subjetividade e nos possibilitam erigir o futuro. É assim que o sujeito se constitui na relação com o Outro, com as experiências de diferentes gerações e pode conferir sentido às suas próprias experiências, nomeando-as, (re)significando-as (BENJAMIN, 1994).

A linguagem literária parece revelar-se em modo singular de nomear e construir sentidos, como aponta Cosson (2014, s/p):

Letramento literário é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para entendermos melhor essa definição sintética, é preciso que tenhamos bem claros os seus termos. Primeiro, o processo, que é a ideia de ato contínuo, de algo que está em movimento, que não se fecha. Com isso, precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes.

Encontrar palavras que possam representar, simbolizar, nomear nossas experiências, é a ideia que aparece nos vários autores aqui convidados ao diálogo para indicar a complexidade e importância desse processo de formação subjetiva que vai se constituindo desde que o sujeito nasce, numa progressiva apropriação e elaboração da cultura escrita.

Nessa direção, o letramento literário na Educação Infantil é compreendido como um conjunto de práticas que estabelece a relação da criança pequena com a cultura escrita pelo

livro de literatura e ou com suportes diferenciados que possuam histórias, contos e poemas. Compete às instituições educativas, a inserção da criança em práticas sociais de leitura e escrita da palavra literária, objetivando intencionalmente constituir espaços de compartilhamento de leituras, ampliando o repertório de experiências dos sujeitos implicados.

Desse modo, as crianças que ainda não se apropriaram do sistema alfabético de escrita, mas vivem situações sociais relacionadas a elas, podem ser envolvidas em práticas de letramento que lhes possibilitem ações e usos diferenciados de leitura e de escrita (SOARES, 2020). Considerando que as crianças estão imersas numa sociedade grafocêntrica, numa cultura escrita materializada nos espaços de circulação, nas formas de convivência e cuidado, nos brinquedos, nas brincadeiras, nas regras, no nome das coisas (BRITTO, 2009), faz-se necessário refletir sobre esse processo e como podemos nele intervir para que a criança se aproprie da cultura escrita e dela faça uso.

Segundo Britto (2005, s/p),

Não há nada de errado em alfabetizar as crianças. É justo que elas sejam alfabetizadas, dentro de propostas pedagógicas consistentes e organizadas. Mas é preciso ter claro que alfabetizar não é formar no domínio de uma técnica, mas sim pôr a pessoa no mundo da escrita, de modo que ela possa transitar pelos discursos da escrita, ter condições de operar criticamente com os modos de pensar e produzir da cultura escrita.

O autor nos indica que precisamos compreender que o processo de inserção da criança na cultura escrita principia na primeira infância pelos olhos, que vêem o mundo, e esse olhar sobre o entorno é significado pelo outro, enquanto a leitura, se origina pelos ouvidos no processo de desenvolvimento da criança na relação com o Outro, experimentando a voz escrita. E, a sua produção de texto inicia pela boca, colocando o/a professor/a no papel dos antigos “escribas” ao registrar a produção autoral da criança, que vai criando seu texto a partir de uma compreensão crítica do mundo que a cerca (BRITTO, 2005).

Diante da complexidade da realidade, torna-se importante às crianças o convívio com objetos e referenciais que transcendam a experiência imediata da vida cotidiana, possibilitando-as transitar pelos discursos da escrita, adquirindo condições de operar criticamente com os modos de pensar e produzir da sociedade em que vivem. Desse modo, é fundamental proporcionar às crianças a escuta de histórias da tradição oral, a leitura em voz alta de poemas e narrativas literárias que apresentam ritmo, sintaxe, prosódia, léxico diferenciados dos gêneros discursivos cotidianos, e uma experiência estética nessa imersão mediada pelo texto-outro-livro ou melhor livro-criança-mediador. Os textos literários apresentados à infância não podem ser simplificados, infantilizados. Eles precisam ser vivos, com a profundidade que a formação do humano requer, ampliando suas qualidades humanas (BRITTO, 2009).

Apresentamos a seguir uma experiência de letramento, evidenciando a materialidade da palavra em espaços que buscam promover o compartilhamento de leituras literárias, colocando diferentes sujeitos em diálogo.

Experiências de letramento literário: a palavra no espaço

As experiências de letramento literário requerem o planejamento de reiteradas ações, nos diversos espaços da instituição, que possibilitem inserir todos os envolvidos na linguagem literária. Amplia-se, assim, o repertório cultural dos participantes, mediante práticas de partilha de leitura (ler sozinho, ler com o outro, ler para o outro...) e de significados culturais, bem como, coloca-se em diálogo conhecimentos advindos de várias experiências.

Nesse sentido, ressalta-se a importância do trabalho educativo e coletivo, cuja finalidade é possibilitar a apropriação de elementos necessários para o processo formativo dos sujeitos (humanização). É esse pressuposto que embasa diferentes ações de um projeto de extensão por nós coordenado numa instituição federal de educação infantil, o Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina.

O projeto *Infância e Literatura: experiência estética e formação de pequenos leitores*³, desenvolvido no NDI desde 2011, tem como objetivo central fomentar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir de estudos e práticas pedagógicas que tenham como foco a relação entre os temas da infância e literatura, com ênfase nas práticas de mediação de leitura literária e nos processos de formação de pequenos leitores.

Nessas ações, o espaço constitui-se como cenário e também suporte para os processos imaginativos desencadeados pelas narrativas literárias que possibilitam às crianças a atuação reiterada sobre as palavras materializadas no espaço, vivenciando possibilidades de delas se apropriar, significando as experiências realizadas.

Destacamos, na sequência, experiências em que buscamos colocar a criança em contato com histórias organizadas em diferentes espaços da instituição no último Piquenique Literário, realizado no ano de 2019.

Elegemos para o Piquenique Literário, a temática *Por um fio*, tendo em vista que esse título tecia um fio condutor entrelaçando as histórias selecionadas, todas costuradas pela ideia de que a experiência se constitui a partir da pluralidade de perspectivas e no encontro entre diferentes sujeitos, “como fio que tece as gerações; não como uma sina, mas como possibilidade(s)” (MOMM, 2006, p. 26). Importa ressaltar aqui que esse encontro possibilita um movimento coletivo de apropriação e renovação do mundo.

³ O projeto conta também com a participação das professoras do NDI/UFSC Juliete Schneider, Leticia Cunha da Silva, Rubia Vanessa Vicente Demetrio, Saskya C. Bodenmüller e da Dnda. Rosiane Pinto Machado (UMinho/UFSC).

Pode-se perceber na primeira imagem um registro da contação de uma das histórias apresentadas, *Da minha janela* (Companhia das Letrinhas, 2019), de Otávio Júnior e Vanina Starkoff. A história é contada do ponto de vista de um morador de uma favela carioca, uma criança-narradora, que apresenta uma visão plural do contexto em que vive. Nela, percebe-se as ilustrações das histórias fixadas em caixas, compondo um cenário brincante que tenciona convidar as crianças a experiência estética literária com a narrativa, recontando a história a partir de uma das imagens ou do (re)ordenamento delas, criando seu próprio sentido. No último registro, as janelas que compõem o cenário, instigam os participantes a mirar imagens dispostas ao fundo dele, fotografias de diversas comunidades do Rio de Janeiro feitas pelos moradores que constituem o Projeto FavelaGrafia (www.favelagrafia.com.br). As imagens revelam a multiplicidade de perspectivas e experiências das nove comunidades retratadas, desfazendo o estereótipo homogeneizante e racista construído pelos discursos predominantes na mídia e se coloca como um anteparo crítico a estes quando revela cada contexto visto de dentro, de perto, pelos sujeitos que os compõem e significam.



Imagens do acervo do projeto

Outras histórias foram selecionadas para compor o espaço convidando adultos e crianças a interagirem com elas juntos ou separadamente. Todas estavam relacionadas à temática proposta falando sobre percursos, encontros, viagens e movimentos migratórios, entre outros. Como fio condutor de cada narrativa, barbantes indicavam o encadeamento proposto pelos autores, mas deixavam margem para que se pudesse percorrê-las em vários sentidos, rompendo com a linearidade sugerida.



Imagens do acervo do projeto

Nas imagens a seguir, podemos perceber estratégias semelhantes às já descritas, com destaque para algumas particularidades. Na primeira imagem, vemos que os cordões que acompanham a narrativa, permanecem soltos provocando a interação e sugerindo à criança a possibilidade de traçar sua própria narrativa pelo espaço a partir de *História de uma linha* (Quatro Cantos, 2015), da escritora Silvana Beraldo e ilustradora Silvia Amstalden. Na segunda, a história *Daqui ninguém passa!* (Planeta Tangerina, 2014), de Isabel Minhós Martins e Bernardo Carvalho, optamos pela estratégia de fixar as imagens no chão, propondo que as crianças pudessem experimentar espacialmente a narrativa que conta sobre uma linha que demarcava um espaço interdito. Na terceira imagem, vê-se um varal composto de várias embalagens que poderiam ser levadas para as casas para dar continuidade a experiência daquele encontro, com poemas variados sobre a temática e um pedaço de barbante.



Imagens do acervo do projeto

Destaca-se aqui o convívio da criança com adultos-leitores, e se estreitam relações com as outras crianças que frequentam a instituição. São momentos de interação entre as crianças, o professor e a linguagem literária, ações coletivas intencionalmente planejadas e mediadas para se compartilhar sentidos e significados, intercambiando e ampliando experiências.

Considerações Finais

A formação do leitor literário passa, como vimos, pela relação entre as palavras literárias e as vozes das crianças e adultos que interagem nos espaços institucionais, organizados no sentido de inserir a criança na cultura escrita.

O acesso à palavra literária em diferentes suportes e espaços possibilita a produção de sentidos múltiplos a essa prática leitora como experiência de fruição estética e poética.

Essas palavras que as crianças descobrem pelos espaços, lendo o que se encontra pelas paredes, pelo chão, por diversos espaços e suportes, são como marcas que indicam um percurso já trilhado por quem as domina, um pequeno fio de Ariadne a guiá-las pelo labirinto da cultura escrita que, ao serem compartilhadas e significadas coletivamente, conferem à experiência singular de se apropriar e nomear o mundo, melhor sentido ao ato de viver.

Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. - 7. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. I). p. 197-221.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Educação Infantil e Cultura Escrita (Prefácio). In: **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. FARIA, A.L.G de e MELLO, S. A (orgs). Campinas, SP: Autores Associados, 2005 (Coleção polêmicas do nosso tempo, 91).
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Leituras de infância e formação cultural**. Pátio. Porto Alegre, p. 14 - 16, 01 jul. 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. Glossário CEALE, Termos de Alfabetização, leitura e escrita para educadores, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em: 08/07/2021.
- JÚNIOR, Otávio. **Da minha janela**. Vanina Starkoff (ilustração). São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- QUEIRÓS. Bartolomeu Campos de. **Contos e poemas para ler na escola**. 1ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014
- MARTINS, Isabel Minhós. **Daqui ninguém passa!** Bernardo P. Carvalho (ilustração). Portugal: Planeta Tangerina, 2014.
- MASSERA, Silvana Beraldo. **História de uma linha**. Silvia Amstalden (ilustração). - 1 ed. - São Paulo: Quatro Cantos, 2015.
- MOMM, Caroline Machado. **Entre memória e história: estudos sobre a infância em Walter Benjamin**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006.

REYES, Yolanda. O triângulo amoroso. In: Lima, E., Farias, F., Lopes, R. **As crianças e os livros: reflexões sobre a leitura na primeira infância**. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017, p. 46-51.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.